

PINGA-FOGO

■ **TERCEIRO TURNO** - Batizado de “**juízo do terceiro turno**”, no TRE-RJ, nesta sexta, 17, ele será transmitido ao vivo. Vai congelar o sistema do tribunal pelo volume de acessos. Nunca um julgamento eleitoral atraiu tantas atenções, já que tem como alvo os dirigentes de dois poderes, o Executivo e o Legislativo. Para assistir é só acessar o site do TRE-RJ e clicar na transmissão ao vivo.

■ **O PT SUMIU** - Derrotado no primeiro turno das eleições para governador, Marcelo Freixo iniciou o processo utilizando a questão do Ceperj como a grande responsável pela sua derrota. O curioso é que nenhuma das figuras da esquerda, entre elas um reitor da UERJ que foi candidato a deputado pelo PT, foi incluída entre os réus. Processo seletivo na escolha dos acusados.

■ **CRIMINAL** - O caso do Cederj é grave e precisa de apuração rigorosa, tanto que existe um processo na esfera criminal para apurar responsabilidades. Neste processo nem o governador Cláudio Castro e nem o vice Thiago Pampolha são réus. Não foram apontados nesta investigação nenhuma responsabilidade dos dois. No caso do “**Juízo do Terceiro Turno**”, o embate será entre acusações recheadas de revanches e passionais contra defesas técnicas, sem as adjetivações usadas pelos acusadores.

■ **NONSENSE** - A fragilidade do processo será julgada é apontada pela inclusão do deputado Áureo Ribeiro como réu. Não há jurista que leia o processo e não fique pasmo com a inclusão do parlamentar. Já outro réu foi incluído por ter feito um projeto esportivo, que nada tem haver com o projeto que está nos autos.

■ **VISTAS À VISTA** - São sete votos e sete julgadores, cada um votará com a sua consciência. O voto do relator terá o mesmo peso dos demais. O volume de réus (11) transforma este julgamento em um fatiamento de nome a nome. É tão complexo que o pedido de vistas é inevitável. Para um especialista na justiça eleitoral, o mais inteligente seria um pedido coletivo de vistas, já que os autos são eletrônicos e todos os desembargadores poderiam ter acesso simultaneamente.

■ **LINHA DO TEMPO** - Fala-se em cassação, mas os efeitos não são imediatos. Ninguém será afastado após a conclusão e a subida para o TSE. Cabe-

rá, primeiro, que os embargos de declaração sejam apreciados. E poderão ser 11, um para cada réu. Só depois ele sobe. Se derrotado, o Ministério Público Eleitoral e o próprio Marcelo Freixo poderão recorrer. Qualquer decisão definitiva só depois das eleições municipais de 2024. Se não varar para 2025.

■ **NOVO TSE** - Um novo cenário surge no TSE, com a nova presidente da corte eleitoral, a ministra Cármen Lúcia, e com a chegada dos ministros do STF, Kassio Nunes Marques (como vice) e André Mendonça. Um cenário que não abriga uma tentativa de terceiro turno de uma esquerda abatida no primeiro turno e com larga maioria de votos.

■ **ESCOLHIDO PELA HISTÓRIA** - O desembargador Henrique Figueira foi brindado pela história para presidir dois julgamentos importantes: o do impeachment de Wilson Witzel, que definiu o primeiro mandato de Cláudio Castro e, agora, o “**Juízo do Terceiro Turno**” que tenta cassar a chapa eleita em primeiro turno e com ampla maioria de votos. É um magistrado que saiu aplaudido do inédito processo de impeachment, por ter permitido uma ampla defesa do acusado. Ele fez história.

■ **MARCOS PEREIRA ISCARIOTES** - O deputado federal Marcos Pereira, presidente do Republicanos e candidato declarado a presidente da Câmara, deve ter ficado arrependido de ter ido a Nova Iorque. Falou sobre as fakes news do Rio Grande do Sul, comprando a briga do governo e foi detonado pelo presidente Jair Bolsonaro, que reproduziu a mensagem que recebeu do deputado Sóstenes Cavalcante. Até o PQP seguiu na mensagem de Bolsonaro no grupo privado só para parlamentares.

■ Marcos Pereira, cada vez mais rotulado de Judas Iscariotes pela direita e até pela bancada evangélica, pulou mais do que “siri na lata” com as críticas de Bolsonaro. Até hoje é colocado na sua conta a derrota de Marcelo Crivella na prefeitura do Rio. Até o fundo partidário para o bispo/prefeito da sua igreja ele só liberava em operações nada ortodoxas e nada republicanas.

■ **EL BRUJO** - Quem foi visto em um café, em Nova Iorque, lendo uma quantidade enorme de volumes com espiral, foi o El Brujo, Rodrigo Abel. Eram pesquisas eleitorais do interior do Rio que recebiam anotações com mar-

cadores de diferentes cores. Estava tão entretido que não percebeu que ficou sendo observado bem próximo durante um bom tempo. A sensação de distanciamento em Nova Iorque permite esta distração. Só que há cariocas em cada esquina da Big Apple.

■ **E OS RODOVIÁRIOS?** I - O prefeito Rubens Bomtempo após pressão da população, da imprensa e da Justiça, decidiu decretar caducidade de um

contrato com a empresa de ônibus Cascatinha. Contrato que foi “inventado” por ele mesmo em 2015, em um mandato anterior. A empresa começou a operar no transporte público da cidade sem licitação, apenas por força da vontade do prefeito. Agora, caducando o contrato fictício conseguiu agradar a população, que estava com a segurança em risco torcendo para não sofrer um acidente grave circulando em coletivos em estado tão precário.

■ **E OS RODOVIÁRIOS?** II - A decisão de decretar caducidade do contrato, como mostrou a coluna na última edição, foi há poucas horas de efetivamente entrar em vigor, à 0h desta quinta-feira (16). Os trabalhadores foram pegos de surpresa e foram às ruas protestar. Mas ao que tudo indica, ficarão desamparados. As empresas que assumiram as linhas da Cascatinha não estão obrigadas a contratá-los. A Prefeitura anunciou

a decisão no susto, sem conversar com os representantes da classe. A empresa que foi retirada não se pronunciou. Uma possibilidade seriam os R\$ 4 milhões de outorga previstos para nova concessão do transporte, mas esse não deve sair tão cedo. O edital elaborado pela Comissão Especial criada por Bomtempo apresentou várias irregularidades e foi barrado pelo Tribunal de Contas do Estado até que seja revisto pela Prefeitura.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

MPRJ sedia, durante dois dias, reunião com ouvidores de Ministérios Públicos de todo o país

Foi realizada nesta quinta-feira (16) a abertura da 70ª Reunião Ordinária do Conselho Nacional do Ouvidores do Ministério Público (CNOMP), no foyer do 9º andar do edifício-sede do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), no centro do Rio. Durante dois dias, representantes das Ouvidorias dos MPs de todo o país vão trocar experiências e debater questões relativas ao aperfeiçoamento do trabalho. A presidente do CNOMP, Jussara Maria Pordeus e Silva, abriu o encontro pedindo um minuto de silêncio em solidariedade às vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul. O ouvidor do MPRS, Mauro Henrique Renner, participou do evento por videoconferência.

Na sequência, Jussara Maria Pordeus e Silva cumprimentou a todos os presentes e agradeceu a acolhida pelo MPRJ. “Esse é um evento de extrema importância. As ouvidorias devem estar sempre próximas do cidadão, promovendo o contato, ouvindo e encaminhando as demandas”, destacou.

“Com certeza esse será um evento muito produtivo, do ponto de vista de conhecimento, de trabalho. A Ouvidoria cumpre um papel muito relevante no Ministério Público, ela vem crescendo e sendo incorporada cada vez mais ao nosso cotidiano. E o desafio agora é aprimorá-la cada vez mais. A Ouvidoria é a porta de entrada, o primeiro contato do cidadão. Essa troca de experiências permite maior agilidade e melhor tratamento das notícias e comunicações, fazendo com que



O Procurador-Geral de Justiça do Rio, Luciano Mattos, e os ouvidores de todo o país no minuto de silêncio pela tragédia no Rio Grande do Sul



Abertura da 70ª Reunião Ordinária do CNOMP realizada no foyer do 9º andar do edifício-sede do MPRJ



O Ouvidor do MP do Rio Grande do Sul, Mauro Henrique Renner, participou do encontro de forma remota

possamos qualificar o trabalho na ponta”, ressaltou o procurador-geral de Justiça, Luciano Mattos.

O ouvidor do MPRJ, Augusto Vianna, resalta que o CNOMP é um conselho que traz muita experiência e a diversidade do Ministério Públi-

co. “Com os Ouvidores aqui reunidos, conseguimos trocar experiências e adquirir novas perspectivas de como atender melhor o cidadão. Experiências que já foram feitas em Manaus, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, por exemplo, nós conseguimos adaptar

para o Rio de Janeiro, construindo novas ferramentas que permitem que o cidadão seja melhor atendido e compreendido pela Ouvidora e pela instituição”, diz Augusto Vianna.

A Ouvidora Nacional do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), Ivana Cei, falou sobre a importância do encontro: “Eu acredito no trabalho coletivo, na união de forças, e o Ministério Público tem um papel fundamental. A sociedade quer ser ouvida, quer dialogar, e esse é nosso papel. Precisamos sair daqui com novas experiências, mas também com objetivos a serem traçados”, afirmou.

Em seguida, Cristina Ayoub Riche, fundadora da Ouvidoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-presidente do Instituto Latinoamericano de Ombudsman- Defensores del Pueblo (ILO) falou sobre as experiências no Instituto. A última palestra do dia foi da juíza-ouvidora do Supremo Tribunal Federal (STF), Flávia Martins, que apresentou dados e a experiência de seu trabalho no STF.

Também participaram do encontro a ouvidora da Mulher do MPRJ, Dina Maria Velloso; a corregedora-geral interina do MPRJ, Márcia Pires; o membro auxiliar da Ouvidoria Nacional, Oswaldo D’Albuquerque Lima Neto; o presidente da Associação do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (Amperj), Cláudio Henrique Viana; o vice-presidente do CNOMP, Humberto Alexandre Campos Ramos, entre outros.

Fernando Molica

Parceiros de arquibancada

As mortes de Washington Rodrigues e de Silvio Luiz marcam de vez a mudança no futebol: são tão simbólicas quanto a substituição de estádios por arenas, dos clássicos com torcidas mistas pela separação que institucionaliza o ódio; dos clubes associativos pelas SAFs. Era um tempo em que entrevistar jogador de futebol era mais fácil do que conversar com ministros de governo ou do Supremo Tribunal Federal.

Como disse Paulinho da Viola, sem preconceito, sem mania de passado. Não se trata de dizer que o período tão identificado com o auge da atuação desses colegas era melhor — nada disso, o ambiente do fu-

tebol era mais preconceituoso, racista, machista e homofóbico.

Tenebrosas transações envolvendo dirigentes de clube eram ainda mais comuns; a atuação das federações e da CBF conseguia ser pior. As arbitragens tinham sobre si uma nuvem de suspeição maior que a atual, o VAR não passava de uma possibilidade futurista (ainda que, convenhamos, talvez seja necessário criar por aqui um VAR do VAR).

Washington Rodrigues e Silvio Luiz traduziam uma intimidade bem evidente com o universo do mais popular dos esportes. Havia em suas falas, em suas tiradas e em seus bordões uma ligação direta com o que

se pensava e falava nas ruas; pra usar uma imagem outrora muito comum para definir a relação de grandes jogadores com a bola, eles tratavam o futebol de você, não de vossa excelência.

São da linhagem que produziu nomes como Sandro Moreyra e o maior de todos, João Saldanha. Ouvi-los durante e depois de um jogo era obrigatório, fazia parte do ritual que incluía o gesto definidor de subir a rampa do Maracanã — o primeiro e único, então o maior estádio do mundo, o gigante que ficava deserto e adormecido depois de uma partida, imagem lírica e definitiva criada por Waldir Amaral e que me emociona até hoje.

Era o tempo de geraldinhos e de arquibaldos, palavras criadas pelo Apolinho, apelido de Washington Rodrigues, para definir os que iam aos estádios e davam sentido aos jogos, santificavam o que está longe de ser apenas uma disputa de 22 pessoas em torno de uma bola.

Ele e Silvio Luiz tabelavam com a torcida ao criarem bordões como “feliz como pinto no lixo”, “briga de cachorro grande”, “chocolate” (referência a uma goleada), “parir um porco-espinho” — todos carioquíssimos, da lavra de Rodrigues. Soube que, uma vez, irritado com o péssimo primeiro tempo de um jogo, ele quebrou o padrão e, ao invés de entrevistar jogadores,

inventou uma conversa com a bola, tão maltratada durante aqueles 45 minutos.

Já Silvio Luiz encarnava o paulistão do um chopes e dois pastel, era quase uma versão de Adoniran Barbosa nas transmissões esportivas. Levou para a cabine um viés mais despojado, não lapidado, meio tosco, fora do padrão consagrado pela Globo, a líder de audiência.

Assim como Januário de Oliveira (“Taí o que você queria”, “Cruel, muito cruel”, “Sinistro, muito sinistro”), Silvio Luiz combinava mais com jogos mal iluminados, em estádios precários, com gramados cheios de buracos. Sabia divertir o torcedor; com seu talento, transfor-

mou partidas horrorosas em espetáculos apetitosos — e tome de “Olho no lance”, “Pelo amor dos meus filhinhos”, “Pelas barbas do profeta”, “O que que eu vou dizer lá em casa?”. Já salvou meu humor em alguns terríveis jogos do meu Botafogo.

Não acompanhei de perto o trabalho de Antero Greco, jornalista especializado em esportes que morreu ontem. Mas pela quantidade de amigos que o reverenciam foi, certamente, um grande profissional e uma ótima pessoa. Ao lado de Rodrigues e de Silvio Luiz, ele ajudou a iluminar o jogo que tanto fascina os meninos e as meninas que um dia chegamos pela primeira vez a um estádio.